

# DANY LAFERRIÈRE: DESCOLONIZAÇÃO FÁLICA <sup>1</sup>

## DANY LAFERRIÈRE: PHALLIC DECOLONIZATION

---

*Marcos Vidal da Silva Junior<sup>2</sup>*

---

**RESUMO:** A sociedade moderna possui conhecimentos muito mais amplos sobre aspectos econômicos e sociais que afetaram o desenvolvimento das colônias americanas e africanas. As correntes pós-colonialistas que se baseiam, sobretudo, nas ideias da Negritude, concebem a necessidade de estratégias de resistência a partir da recuperação da memória cultural e, conseqüentemente, da identidade. A partir daí, é possível redefinir classes e estabelecer maior igualdade. Dany Laferrière possui obras importantes nesse cenário, estabelecendo um panorama de inversão de poder em que o negro retoma a superioridade, em especial, através do sexo. Neste artigo abordaremos o que chamamos de descolonização fálica, isto é, como a dominação sexual presente na construção dos romances pode contribuir para as estratégias de descolonização.

**Palavras-chave:** Dany Laferrière. Descolonização fálica. Sexo. Pós-colonialismo.

**ABSTRACT:** Modern society possesses more knowledge about the economical and social aspects that have affected the development of the American and African colonies. The post-colonial currents, which use many of the Negritude ideas, conceive the necessity of resistance strategies for recovering the cultural memory and, consequently, identity. Thus, it is possible to redefine classes and establish more equality. Dany Laferrière possesses important works in this scenario, establishing a panorama where there's power inversion and where the black person retakes his superiority, specially through sex. In this article we discuss what we called phallic decolonization, that is, how the sexual domination used in the construction of the novels can contribute for the decolonization strategies.

**Keywords:** Dany Laferrière. Decolonization phallic. Sex. Post-colonialism.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 20 de setembro de 2018 e aceito em 26 de novembro de 2018. Texto orientado pela Profa. Dra. Isabel Cristina Jasinski (UFPR).

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Letras da UFPR.  
E-mail: marcosvidaljr@gmail.com



## INTRODUÇÃO

É em especial após as grandes navegações, em sua procura por insumos, especiarias e metais preciosos, e a conseqüente dominação da América e África pelos europeus, que se intensificou o apagamento cultural dos povos nativos desses lugares. Foi a colonização desses povos que deu início ao processo de esvaziamento cultural e identitário.

Essa dominação territorial, econômica e cultural se desenvolveu de tal maneira naquele mundo mercantilista que deixou um legado: cicatrizes profundas nos modos de viver e se relacionar da sociedade moderna que perduram até a atualidade. O tipo de sistema econômico existente naquela sociedade também foi preponderante para que certas decisões fossem tomadas sobre a maneira de proceder em face do desafio do Novo Mundo, como a dizimação ou expulsão dos índios e a substituição da mão-de-obra por escravos traficados da África, já que a dominação dos índios para o trabalho escravo não foi profícua.

A estruturação da nossa sociedade é um resultado muito claro desses fatos, especialmente a miscigenação e a estratificação econômica que percebemos. Não obstante, compreendendo esses fatos, suas causas e conseqüências, podemos estabelecer estratégias de combate e recuperação que podem ir do campo político ao campo artístico, como é o caso da Negritude de Aimé Césaire (2010) e de Léopold Senghor (1964), e da obra de Dany Laferrière que será nosso objeto de estudo.

## COLONIZAÇÃO E DESLOCAMENTO

Atualmente, temos maior entendimento sobre o processo de dominação colonial e seus resultados que persistem até hoje. É esse entendimento que nos leva às teorias sobre o pós-colonialismo, isto é, teorias sobre a recuperação cultural e social dos povos dominados, voltadas também para a remediação de conseqüências que o colonialismo provocou, em especial o afundamento econômico que protela e barra o desenvolvimento social dos povos que foram outrora dominados.

Um aspecto importante a ser considerado sobre a colonização é seu modelo estrutural baseado na escravidão, cuja abolição não resolveu nem extinguiu as mazelas provocadas por ela. A abolição sequer encarnou em si os ideais de igualdade ou mesmo de justiça para aqueles que foram os braços que moviam o Brasil e a América. Encarnou apenas a mudança do panorama econômico ditado pelas grandes potências da época. Em suma, os problemas econômicos e



sociais e, em especial, a liberdade estrutural que poderia possibilitar o desenvolvimento da igualdade nesses campos não foi alcançada. Como expressaria Lima Barreto em *Maio*, a real liberdade seria apenas uma ilusão:

(...) mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre!

Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia.

Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: “Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres?”

Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis! (BARRETO, 2012, p. 12-13)

Realmente a liberdade estaria longe de ser alcançada, em todos os planos, econômico, social, cultural ou moral, tanto que as discussões atuais sobre o tema são ainda necessárias. Muito desse processo está vinculado ao resultado de algo que Deleuze e Guattari (1995) chamam de **desterritorialização**, que deve ser entendida não apenas no aspecto físico de deslocamento do seio natal, mas também como o corte da ligação cultural, moral, afetiva, intelectual etc. causada por esse corte da ligação territorial. Esse deslocamento também é um dos fatores que causa o apagamento cultural citado acima.

O apagamento cultural e o contato com outros povos, mesmo que de maneira imposta, implicam a hibridização cultural, isto é, a desterritorialização – com o desfalecimento identitário que provoca – enseja uma reterritorialização, mesmo que indesejada, em face do novo local, da nova cultura, das novas tradições, na esperança da sobrevivência.

Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A



vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Poder-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significativa (mimese, mimetismo, fingimento, etc.). (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17-18)

Essa diáspora evidencia, então, o processo de transformação de identidade que se desenvolve nessa dialética, existindo uma infinita reciprocidade e uma constante troca de papéis na definição da identidade. Para Stuart Hall, o processo de formação cultural é uma troca de influências: "(...) na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas" (HALL, 2009, p.26). Ocorre, então, o hibridismo cultural que resulta na formação das culturas americanas e africanas que vislumbramos hoje.

Mas é claro que não haverá nunca uma equivalência das influências, não é um sistema equilibrado. O ente dominante, que nesses sistemas é normalmente o de maior poder econômico ou bélico, terá preponderância sobre os resultados.

A partir da interdependência entre colonizador e colonizado e da impossibilidade de pureza hierárquica das culturas, Bhabha (1998, p.37) afirma que os sistemas culturais são construídos num espaço chamado 'terceiro espaço da enunciação', um espaço ambivalente e contraditório, de onde emerge a identidade cultural. (BONNICI, 2009, p.31)

Os resultados indesejados serão apagados e esquecidos com o tempo, restando apenas aqueles permitidos, motivados, incentivados pelos dominadores. Ou seja, o resultado é o apagamento cultural do colonizado, mais do que a absorção de suas tradições e sua forma de viver. Eis, então, a principal estratégia de combate da condição de dominação: a recuperação da memória. Dessa memória que foi brutalmente dilacerada e dessa identidade dilapidada.

É preciso recuperar a memória para que seja possível ter forças que provoquem a ruptura com o padrão ideológico de colonização e o transforme para um padrão iluminista de aceitação, igualdade e respeito. De fato, Candau nos afirma que "a memória (...) alimenta a identidade" e que "é a memória (...) que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade" (CANDAU, 2012, p.16). Percebemos, então, que a recuperação da memória é uma estratégia preponderante para a recuperação identitária dentro da perspectiva pós-colonial.



## DANY LAFERRIÈRE: DESCOLONIZAÇÃO FÁLICA

A memória é, portanto, uma estrutura significativa na construção identitária e, logicamente, o tipo de interação que ocorreu durante o período colonial deixou as marcas, os rastros, as cicatrizes que não podem ser apagadas, que ainda marcam a identidade de um povo. Mas as lutas, as revoluções, as derrubadas, tudo isso também marca a identidade de um povo que não quer apenas retomar o que foi, ou entender o que é, mas também se tornar mais: mais reconhecido, mais independente, mais justo, mais igualitário, mais capaz de garantir todas as necessidades básicas aos seus cidadãos. Candau nos lembra de que a memória, “ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2012, p.16). É necessário resgatar a memória e criar a memória.

Evidentemente, a estratégia para a criação dessa nova identidade pode tomar várias formas possíveis. Ela passará primeira e certamente pela retomada da identidade cultural primitiva que será contraposta à dominante – uma retomada afetiva e saudosista: “O jazz me leva sempre para New Orleans e isso deixa um Negro nostálgico” (LAFERRIÈRE, 2012, p. 13); e, posteriormente, por uma sobreposição cultural que culmina em hibridização.

No caso de Dany Laferrière, em seu livro de estreia, *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (LAFERRIÈRE, 2012), lançado em 1985, a forma de recuperação da identidade escolhida é o sexo, mais precisamente a inversão da posição social do ente dominado em dominador através do sexo, o que se repetirá posteriormente em outras obras do autor. A estratégia é emblemática pelo fato de o sexo ser um elemento fundamental nas estratégias de dominação do negro durante a dominação colonial. Além disso, após a colonização, ocorre uma sexualização com intuito de rebaixamento da posição social e animalização do negro.

Nesse sentido, primeiramente, o próprio título já é capaz de transmitir ideais de recuperação da estima da identidade do negro, elevando-o ao local de desejo, ressaltando a sua capacidade física e insaciabilidade sexual, e transformando o ato sexual em um grande desafio. É importante notar que a perspectiva aqui é a de saciação do negro e não o contrário, revertendo a estratégia de dominação. A estruturação semântica do título, que o aproxima ao título de um manual de instruções, reforça essa perspectiva, que será reiterada através da trama.

Além do título, que já delinea a direção do texto e da abordagem do autor, o segundo capítulo, intitulado *A roleta do tempo ocidental*, traz uma exposição fortemente carregada com um ódio excepcional, como se o sangue de Toussaint Louverture pulsasse nas artérias do narrador:



Transar com um Negro é diferente. A América ama trepar diferente. A vingança negra e a má consciência branca juntas na cama, isso dá uma noite daquelas! Em todo caso, foi preciso quase arrancar dos dormitórios negros aquelas garotas de bochechas rosadas e cabelos loiros. O grande Negro do Harlem transa até não poder mais com a filha do Rei do Tédio, a mais branca, a mais insolente, a mais racista do campus. O grande Negro do Harlem tem o delírio de enrubar a filha do proprietário de todos os barracos insalubres do 125º (seu bairro), trepando com ela por todos os consertos que o safado do pai dela jamais fez, fornicando com ela pelo horrível inverno do ano passado que matou o seu irmão mais novo de tuberculose. E assim a jovem Branca também goza pra valer. É a primeira vez que alguém manifesta por ela esse tipo de ódio. O ódio no ato sexual é mais eficaz do que o amor. (LAFERRIÈRE, 2012, p.19)

Sentimos pulsar o ódio pela dominação e o prazer da vingança, uma vingança através do sexo, da dominação física, que altera o centro de poder. É preciso quase arrancar as garotas de bochechas rosadas e cabelos loiros dos dormitórios. Essa elevação do papel do negro através do sexo permite o autorreconhecimento do valor pessoal, e, a partir disso, a tomada sucessiva de posições políticas mais estratégicas para a retomada da memória.

A estratégia fálica fica ainda mais perceptível se lembrarmos que o apelido da personagem principal, utilizado pelo seu companheiro de quarto, é velho (*Vieux*, em francês), indicando uma possível correlação com o deus vodú Legba:

Legba é o nome do orixá iorubá Exu, personagem que se repete na obra de Laferrière, salvando o narrado-autor dos cães em *Le cri des oiseaux fous*, acompanhando-o ao *pays sans chapeau*, descrito na mitologia haitiana como o “rei dos reis”, aquele que carrega um bastão como sinal de seu poder mágico. O aspecto desse príncipe das trevas é eminentemente fálico; seus iniciados, os Legbasi, transportam uma complexa parafernália, onde predominam cabaças e pequenas esculturas fálicas; carregam ainda um falo esculpido em madeira (*ogo*), que gostam de esfregar no nariz dos turistas nas festas públicas. Legba tem por alimento ritual os ossos dos animais sacrificados, de onde um de seus outros nomes, Legba Vié Os. (HANCIAU, 2008, p.66, ênfase no original)



Se Alfredo Bosi, quando revisita criticamente as afirmações de Gilberto Freyre, enfatizando o aspecto impositor da dominação em contraposição ao abrandamento que Freyre faz sobre a postura do colonizador, cita que: "A libido do conquistador teria sido antes falocrática do que democrática na medida em que se exercia quase sempre em uma só dimensão, a do contato físico" (BOSI, 1992, p. 28), fica evidente a intenção de Laferrière em tomar o elemento de poder do dominador como revide:

Através da apropriação, o colonizado assume a linguagem (o idioma, o teatro, o filme, a filosofia) do colonizador e a põe a seu serviço. É, portanto, a maneira pela qual a cultura colonizada usa os instrumentos da cultura dominante para contrapor-se ao controle político do dominador. (BONNICI, 2009, p. 37)

Na obra de Laferrière, a trama é composta por dois amigos negros que vivem juntos em Montreal, em um quarto alugado. Eles vivem na experimentação, com um modo de vida alternativo, sem emprego formal. Uma parte importante da sua vida é tomada pelos relacionamentos com diversas mulheres. Mulheres brancas. São mulheres com boa posição social que são atraídas por esses homens que fazem parte de um submundo. Colonizadoras transformadas em colonizadas. Muito relevante é o fato de que essas mulheres acabam por ter a sua identidade diminuída, já que eles jamais usam os verdadeiros nomes delas, apenas se referem a elas por meio do adjetivo que indica alguma característica pessoal delas precedida do título **Miz**, por exemplo: Miz Literatura, Miz Sophisticated Lady, Miz Cabelo Curto, Miz Mystic etc. São muito fortes, então, a generalização e a despersonalização das personagens mulheres, e, independentemente de quem sejam, elas tomam o papel de servidão:

Miz Literatura termina de arrumar a mesa. Ela põe a água do chá para ferver. Eu me acomodo. Ela me serve vinho. Fechos os olhos. Ser servido por uma Inglesa (Alá é grande). Estou satisfeito. Finalmente, o mundo se curva aos meus desejos. (LAFERRIÈRE, 2012, p. 27)

Ao fazer isso, Laferrière alcança, além do fortalecimento da identidade cultural do colonizado, que já não é mais dominado, o apagamento da identidade do colonizador. É a vitória sobre o colonizador por meio da conquista, manipulação e controle de suas mulheres. Em *Vers le sud*, Laferrière (2006) adota uma estratégia similar. A estruturação do romance é diferente daquela de sua



primeira obra, pois cada capítulo se concentra em uma história diferente, porém todas tem um plano de fundo similar: o de descobrimento do mundo ao sul que se torna deslumbramento, desejo e devoção. São mulheres que largam sua vida apática no norte para viverem as cores, o calor, e o sexo no sul.

O capítulo do romance homônimo ao título do livro expressa exatamente a mesma posição. Inclusive, a personagem-alvo da devoção se chama Legba, retomando o deus fálico que compõe o submundo. E não é apenas o nome que o assemelha ao deus vodu; é principalmente a atração que causa nas mulheres e a conseqüente devoção servil que provoca.

O capítulo exhibe um quadro de prostituição juvenil no Haiti, em que mulheres com mais de 40 anos, com ótima posição social, destaques em suas atividades, inteligentes e sagazes, com ou sem maridos, viajam para o Haiti para gozar da paisagem caribenha e da companhia de jovens rapazes. Mas a submissão toma conta delas: elas já não são mais capazes de agir como normalmente fariam se estivessem em seu próprio país; tornam-se meninas novamente perto dos rapazes. A posição de Albert, dono do hotel em que muitas dessas mulheres se hospedam, mostra muito dessa relação:

Et la reine du crime se fait toujours encadrer de ses deux suivantes : l'argent facile et le sexe. Il n'y a rien ici, monsieur, qui ne soit touché par l'un ou l'autre de ces trois fléaux. Autrefois, il y avait une morale. Aujourd'hui, je regard autour de moi et je vois que tout s'écroule. Je regarde nos clientes, des dames respectables que leurs mari aurait accompagnées, il y a une vingtaine d'années, quand j'ai commencé ici. Et que vois-je ? Des femmes perdues, des bêtes assoiffées de sang et de sperme. Et qui en est la cause ? Lui, le maître du désir. Il a dix-sept ans, des yeux de braise, un profil pur. Legba : le prince des ténèbres.<sup>3</sup> (LAFERRIÈRE, 2006, p. 152)

---

<sup>3</sup> “E a rainha do crime se apoia em seus dois seguidores: o dinheiro fácil e o sexo. Não há nada aqui, senhor, que não seja tocado por uma ou por outra destas três pragas. Outrora, havia uma moral. Hoje, olho ao meu redor e vejo que tudo se desintegra. Olho nossos clientes, mulheres respeitáveis que os maridos teriam acompanhado. E o que vejo? Mulheres perdidas, bestas famintas de sangue e esperma. E quem é a causa? Ele, o mestre do desejo. Ele tem dezessete anos, olhos de brasa, um perfil puro. Legba: o príncipe das trevas”. As traduções das citações em língua estrangeira foram feitas pelo autor do artigo.





A de Ellen, que **contrata** os serviços de Legba, é a seguinte:

Que voulez-vous de savoir de plus ?... Oui, c'était un voyou, mais Seigneur, qu'il était beau ! et en plus, il savait faire l'amour aux femmes. (...). Je pouvais passer des heures à le regarder. (...) alors tout ce qu'il me fallait, au fond, c'était un adolescent de Port-au-Prince.<sup>4</sup> (LAFERRIÈRE, 2006, p. 153)

É visível, na fala das personagens, a questão de submissão total, apesar da diferente posição moral que cada personagem exprime. É imperioso notar que Ellen é uma mulher esclarecida, professora de literatura contemporânea na Universidade de Vassar, Nova Zelândia, e mesmo assim se deslumbra e se curva aos desejos de Legba (LAFERRIÈRE, 2006, p. 142-143).

Outro aspecto importante é que Legba e seus companheiros, além de jovens prostituídos, são também traficantes de drogas para os turistas. Esse aspecto não é desconhecido por quem contrata seus serviços, nem ocultado do leitor. Assim, o narrador faz se reconhecer a existência de uma sociedade que está longe de ser a ideal, não há uma criação fantasiosa sobre o Haiti: a pobreza, o tráfico de drogas e a prostituição juvenil estão marcadas na obra. Mas, ainda assim, existe um objeto de atração, a natureza exuberante de um *tableau naïf* que atrai e engole o estrangeiro.

Todos os capítulos de *Vers le sud* são marcados por essa mesma abordagem que erotiza o Haiti e retrata a inversão do centro de poder para o lado do colonizado. E é essa abordagem, comum em ambas as obras discutidas aqui, que contribui para a descolonização por meio da retomada de poder pelo autorreconhecimento da capacidade do negro face ao branco. Afinal, como poderia ser dominado se está em posição superior? Quando mesmo a pessoa mais intelectual e socialmente capaz perde o autocontrole em face do **menos capaz**, e não consegue controlar seu desejo? É o delineamento da contraposição de atitude que vemos no trecho seguinte, em que Fanfan, jovem negro, mantém a maior calma possível enquanto a diretora da escola da sua irmã, Mme. Saint Pierre, e que contrata a sua mãe para fazer serviços de costura, perde o controle enquanto o leva no carro para ter relações sexuais com ele:

---

<sup>4</sup> "O que mais quer saber?... Sim, era um criminoso, mas Senhor, ele era belo! E ainda, ele sabia fazer amor com as mulheres. (...). Eu podia passar horas olhando ele. (...) então tudo que me faltava, no final das contas, era um adolescente de Porto Príncipe".



Pas de témoin. Je regarde calmement le paysage défiler : les maison, les gens, les arbres. On arrive à Pétionville. La route est légèrement mouillée et très escarpée à certains endroits, mais cette voiture roule si confortablement que je ne sens aucun danger. Le calme plat. Je prends tellement plaisir à être dans cette bagnole que j'en ai presque oublié la présence de Mme Saint-Pierre à mes côtés. Toujours nerveuse.<sup>5</sup> (LAFERRIÈRE, 2006, p. 31)

Essa inversão de posição, que se perpetua nas obras, reforça reiteradamente a retomada de poder e põe em xeque a realidade de uma superioridade do branco sobre o negro.

## CONCLUSÃO

Dany Laferrière é capaz de identificar um dos eixos de tensão e utilizá-lo sagazmente na construção de uma recuperação da autonomia do negro que reforça a sua liberdade. É a identificação dos elementos que possuem poder de movimentar a sociedade que permite delinear um caminho a ser percorrido na recuperação do poder.

A utilização do terceiro elemento – o sexo, a necessidade fálica e o seu simbolismo –, comum a todos os seres humanos, permite uma aproximação das etnias e, na sequência, a inversão de posições. É a quebra de um dos fatores pontuados por Frantz Fanon, o complexo de inferioridade:

Sí hay complejo de inferioridad, éste se produce tras un doble proceso:

- económico, en primer lugar;
- por interiorización o, mejor dicho, por epidermización de esta inferioridad, después.<sup>6</sup> (FANON, 2009, p. 44)

---

<sup>5</sup> “Sem testemunhas. Observo calmamente a paisagem desfilar: as casas, as pessoas, as árvores. Nós chegamos a Pétionville. A estrada está um pouco molhada e muito escarpada em alguns trechos, mas este carro anda tão confortavelmente que eu não sinto nenhum perigo. Simplesmente calma. Tenho tanto prazer de estar nesse possante que quase esqueci da presença da Sra. Saint-Pierre ao meu lado. Sempre nervosa”.

<sup>6</sup> “Se há complexo de inferioridade, este produz por meio de um duplo processo:



Ele começa essa quebra invertendo a epidermização da inferioridade, a partir da recuperação da autoestima e internalização da sua igualdade. O que Laferrière propõe é a equalização por meio do sentimento de superioridade. Isto é, se "o pós-colonialismo pode significar uma posição contra o imperialismo e o eurocentrismo" (BONNICI, 2009, p. 25) a descolonização fálica é o posicionamento de resistência a partir do elemento de poder da relação física simbolizado no sexo.

Se pensarmos a fundo, os romances também delineiam uma inversão do conceito econômico pontuado por Fanon (2009), já que ocorre uma subversão das classes. É o rico que se desloca para a periferia em busca de alcançar o alvo de desejo, para se submeter ao que for necessário para obter a atenção do outro, subjugando-se. É o pobre que define os horários, as maneiras, a relação. E tudo regulado a partir do poder do sexo. Por isso, a estratégia de descolonização fálica atinge um ponto mais adiante do que simplesmente a dominação física: ela atinge subsidiariamente outros pontos importantes no aspecto estrutural da sociedade, em especial aspectos econômico-sociais para quebrar a barreira entre as classes.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, L. *Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

BONNICI, T. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÉSAIRE, A. *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Vozes da diáspora negra).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995. (Coleção Trans).

FANON, F. *Piel negra, mascaras blancas*. Tradução de Iría Alvarez Moreno, Paloma Monléon Alonso e Ana Useros Martín. Madrid: Akal, 2009.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 1. ed. Tradução de Adelaine La Guardia Resende e outros. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

---

- econômico, em primeiro lugar;

- por interiorização ou, melhor dizendo, por epidermização desta inferioridade, depois".

---

*Scripta Alumni* - Uniandrade, n. 20, 2018. ISSN: 1984-6614.

<<http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>>



LAFERRIÈRE, D. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. 1. ed. Tradução de Heloisa Moreira e Constança Vigneron. São Paulo: 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *Vers le sud*. Paris : Grasset, 2006.

SENGHOR, L. S. *Liberté 1: Négritude et humanisme*. Paris: Éditions du Seuil, 1964.

